

Turismo Cultural em Cachoeira (BA): os Grupos Artístico-Culturais

Cultural Tourism in Cachoeira (BA): the Artistic-Cultural Groups

Sabrina Rafaela Baldin*

Rodrigo Gomes Guimarães**

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o turismo no Município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e foi planejado a partir de um estágio realizado na ONG Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo, através do LEAA – Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Áudio. O objetivo geral é realizar uma análise crítica dos problemas e potencialidades da atividade turística em Cachoeira, com enfoque nas relações entre o patrimônio cultural e o setor público municipal. Pretende-se com esse trabalho contribuir com subsídios para um futuro planejamento turístico e de gestão pública do turismo em Cachoeira.

Palavras-chave: Turismo Cultural. Planejamento turístico. Grupos artístico-culturais. Patrimônio cultural. Cachoeira (BA).

Abstract

This work has as object of study tourism in the city of Cachoeira, in Recôncavo Baiano region, and it was planned starting from an apprenticeship in the NGO Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo, through LEAA – Laboratory of Ethnomusicology, Anthropology and Audio. The general objective is to accomplish a critical analysis of the problems and potentialities of the tourist activity in Cachoeira, with focus on the relationships between the cultural patrimony and the municipal public sector. This work intends to contribute with subsidies for a future tourism planning and public administration of tourism in Cachoeira.

* Discente do 8 termo do curso de Turismo
Universidade Estadual Paulista
sabrinarbaldin@yahoo.com.br

** Professor Assistente do curso de Turismo
Universidade Estadual Paulista
rodrigo@rosana.unesp.br

Keywords: Cultural Tourism. Tourism Planning. Artistic-cultural groups. Cultural Patrimony. Cachoeira (BA).

Cachoeira e seus grupos artístico-culturais como agentes do turismo

Este artigo é resultado parcial de um trabalho de conclusão de curso em Turismo na Universidade Estadual Paulista, campus de Rosana (SP). Na pesquisa realizada, busca-se conhecer o funcionamento do turismo cultural no município de Cachoeira (BA) com enfoque na relação do poder público municipal com os grupos artístico-culturais. Para a coleta de dados, foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca de temas como cultura afro-descendente, planejamento turístico, turismo cultural, patrimônio cultural imaterial. Entrevistamos sete líderes de grupos de capoeira, samba de roda, trança fitas, filarmônicas e também dois membros do poder público municipal, que são o secretário e o assessor de cultura e turismo do município. Além disso, foram aplicados vinte questionários com turistas e visitantes.

Este trabalho visa contribuir apresentando dados para a realização de um futuro planejamento do turismo cultural em Cachoeira. Assim, buscamos a visão dos três grupos diretamente ligados a este tipo de turismo no local: turistas, grupos artístico-culturais e representantes da prefeitura municipal. Pudemos com isso perceber como se pensa o turismo em Cachoeira, através de seus agentes locais.

O município de Cachoeira

A cidade de Cachoeira está localizada no Recôncavo Baiano às margens do Rio Paraguaçu, distando aproximadamente 130 km de Salvador. Segundo Pinto (1958, p. 15):

Chama-se Recôncavo a região que circunda a Bahia de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há mais de quatrocentos anos, se vem desenrolando um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil, que ali tem, hoje, uma das perspectivas mais promissoras do seu futuro.

Tombada como Patrimônio Nacional, conhecida como Cidade Heróica e Cidade Monumento, Cachoeira é considerada o segundo Pelourinho, atraindo turistas de todo o

mundo, ainda de uma forma bem amadora e sem muito retorno financeiro para a população local.

Dentre os atrativos que Cachoeira possui, estão as festas tradicionais, as quais, para Moura (2003), têm um caráter ideológico, pois comemorar algo é conservar aquilo que ficou na memória coletiva. As principais festas são:

- a Festa de Iemanjá - que, em fevereiro de 2005, voltou a integrar o conjunto de festas da cidade, sendo realizada pela prefeitura com foco no “povo de candomblé”;
- a Festa do 13 de Março – comemoração do aniversário de Cachoeira que atrai visitantes da região e também cachoeiranos que moram em outras cidades;
- a Festa de São João, em junho – que movimenta o turismo regional, pessoas de todo o Recôncavo e também de Salvador – em que muitos dos visitantes são cachoeiranos que moram fora da cidade, assim as pessoas chegam a alugar casas para esse período;
- a Independência da Bahia, no dia 2 de julho – com desfile cívico e procissão com imagens de caboclos;
- a Festa da Irmandade da Boa Morte – que atrai um público bem específico: turistas norte-americanos afro-descendentes que lotam a cidade no mês de agosto;
- Festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, e
- Festa D’Ajuda (em novembro) – que juntamente com a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte tem caráter religioso.

De acordo com Moura (2003), as festas devocionais do calendário católico possuem importantes aspectos sociais, antropológicos, históricos e éticos. O autor afirma ainda que “a dramatização dos símbolos e das alegorias no interior da festa tende a justificar ou explicar uma doutrina. Há sempre uma crença a ser defendida” (MOURA, 2003, p. 38). Porém muito do que se faz num evento que conhecemos como folclórico não é só o resultado de crenças; antes, pelo fato de ser uma prática social, uma festa não é totalmente inteligível em termos de crença ou mito (ASAD, 1993).

No que diz respeito à infra-estrutura básica de recepção ao turista, em Cachoeira a situação ainda é precária. As pousadas são simples e de pouca capacidade, o atendimento é pouco profissional e a taxa de ocupação é baixa durante o ano, com exceção do período em que ocorrem as festas acima citadas, quando essa taxa fica em 100% para todas as pousadas (dados de aplicação de questionários). Os restaurantes têm serviço pouco eficiente e não estão

preparados para atender grupos de turistas, de forma que muitos destes grupos optam por almoçar numa fazenda na cidade vizinha de Muritiba.

Além dos atrativos culturais citados acima, Cachoeira possui grupos artístico-culturais importantes para o município no âmbito cultural. Estes grupos e suas relações com o turismo são objeto de estudo nesse artigo.

A situação dos grupos artístico-culturais

A cidade de Cachoeira é rica em grupos populares tradicionais, que fazem parte do patrimônio cultural da cidade, como o samba de roda, a esmola cantada, a capoeira, entre outros, constituindo-se em formas de expressão da herança cultural proveniente da origem escrava de parte da população brasileira e em especial do povo baiano. Neste sentido, Darcy Ribeiro (2003, p. 222-3) comenta que

o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira. Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e inumeráveis manifestações culturais. Mas o negro aproveita cada oportunidade que lhe é dada para expressar o seu valor.

No entanto, os grupos culturais de Cachoeira não têm sido muito valorizados pelo poder público nos últimos anos. Através de conversas informais com integrantes do grupo de samba de roda *Suerdick de Dalva* – o mais conhecido da cidade, por possuir além dos tocadores, as baianas – constatou-se a indignação dos integrantes com relação aos cachês insuficientes oferecidos pela prefeitura para a apresentação desses grupos em eventos da cidade. A reclamação na maioria das vezes gira em torno dos cachês, que perfazem em média 400 reais para um grupo de samba de roda com 20 integrantes, por exemplo, enquanto um grupo comercial como *Calypso* é contratado por 80 mil reais. Nesse contexto, esses grupos se sentem pouco ou nada valorizados por parte do poder público, que está, segundo eles, operando uma desvalorização dos grupos tradicionais locais. Gastal (2002), citando Barros (1994), afirma que a manifestação cultural, ou seja, a materialização dos bens culturais é uma atividade de profissionais, como qualquer outra atividade humana, como qualquer profissão. Portanto, deve ser valorizada como tal.

Além da questão da desvalorização local dos grupos populares tradicionais por parte do setor público, esses grupos deixam de se apresentar em grande parte do ano, mesmo acontecendo um fluxo turístico considerável na cidade em busca de integração com a cultura africana e suas manifestações.

Percebe-se a falta de união entre os grupos culturais em Cachoeira e também de iniciativas por parte dos mesmos a fim de que grupos e setor público tornem-se parceiros para que essas apresentações sejam oferecidas como um produto turístico de Cachoeira, não só em eventos pontuais durante o ano, mas também aos finais de semana, por exemplo. Segundo Neto (2003, p. 59) “a cultura requer circulação, produção e assimilação. E isso só é possível mediante estímulo à produção de bens culturais e à promoção de eventos.” Eventos culturais, no entanto, devem ser produzidos em consonância com as necessidades locais e com a demanda turística.

Decisões e ações eficazes sobre o futuro do turismo no município são afetadas diretamente por fatores sociais, culturais e políticos. Muitas vezes são os membros do poder público e cidadãos influentes politicamente que definem a natureza da participação pública, reproduzindo valores políticos e sociais de sua sociedade, bem como interesses de grupos específicos. De maneira que

muito do que hoje chamamos de planejamento turístico assemelha-se mais a desenvolvimento e análise política. Grande parte das decisões importantes que moldam a natureza do desenvolvimento turístico de determinada cidade não é tomada apenas por planejadores, mas também por políticos e outras partes interessadas no assunto (HALL e JENKINS, 1995 *apud* TYLER, 2003b, p. 17).

Através de nosso trabalho de campo, ficou evidente que esses grupos se sentem valorizados e alegres quando se apresentam para visitantes e também para a própria população. Bramham (*et. al*, 1989 *apud* HALL, 2003, p. 19) ressalta que devemos fazer o seguinte questionamento: “deve ou não haver alguma forma de vida ou cultura pública acessível a todos os cidadãos de uma cidade e, em caso positivo, como isso pode ser estimulado por programas políticos em nível local?”. Deste modo, devemos nos perguntar qual é a maneira que se pode encontrar de estimular a participação pública no turismo em Cachoeira, ao menos em relação à participação dos grupos artístico-culturais locais em

eventos e no cotidiano da cidade. Neste ponto também é notável o fato de que os turistas vão a Cachoeira em busca de apresentações como essas e não as encontram, conseguindo apenas presenciá-las se coincidentemente naquela data estiver ocorrendo na cidade algum evento, como pudemos averiguar em entrevistas com turistas. Essas apresentações poderiam servir também como uma opção de lazer noturno, já que esse é quase inexistente na cidade. O turismo não deve ser apenas uma forma de consumo, mas sim um meio de auto-realização humana, tanto para a população local, quanto para o turista, traduzindo-se em uma troca de experiências que leva a uma sociedade melhor (GOULART; SANTOS, 1998 *apud* MARQUES; BISSOLI, 2002). Isto só é possível quando a sociedade anfitriã participa ativamente de atividades com os turistas.

Durante mais de dez anos, Cachoeira passou por uma estagnação econômica e conseqüentemente uma estagnação no turismo em decorrência de problemas na gestão pública. Essa nova gestão parece estar mais interessada em desenvolver o turismo na cidade e criou, no ano de 2005, a Secretaria de Cultura e Turismo – que até então não existia, fazendo parte da Secretaria de Educação – e também o Centro de Cultura e Arte para apoiar a Associação dos Artistas e Animadores Culturais de Cachoeira. O turismo regional no Recôncavo é algo que deve ter uma atenção especial, uma vez que Cachoeira tem grande potencial para ser uma das principais cidades desse cenário.

A partir destas constatações de campo, tornou-se evidente a necessidade de um estudo sobre os problemas e potencialidades do turismo em Cachoeira, com ênfase na atuação do poder público municipal em relação ao patrimônio cultural local. Dessa forma percebe-se a relevância de questionar se uma participação mais intensa da população local, particularmente dos grupos artístico-culturais, alteraria e contribuiria com a gestão pública do turismo.

Turismo Cultural e Planejamento

Com relação ao patrimônio cultural do município estudado, este se constitui, dentre outros elementos, das expressões culturais dos grupos populares tradicionais de Cachoeira, como o samba de roda, a esmola cantada, a capoeira, entre outras. Sobre o samba de roda tem-se que “a prática do samba de roda, cuja importância declinou em Salvador (...) [manteve-se] (...) a diferentes níveis, em muitas partes do estado da Bahia, e em particular no Recôncavo”.

(LIMA *et al.*, 2004, p. 15). Quanto à capoeira Lima (2003, p. 123) relata que ela “se manteve e disseminou adquirindo novos adeptos a partir de sua origem escrava”.

Barreto (2003, p. 11) considera que no conceito de patrimônio cultural se incluem não somente os bens materiais como também os imateriais, sendo assim “não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos”. Assim, pode-se definir cultura em parte como “qualquer tipo de manifestação que venha a atar, unir o convívio em sociedade” (BARROS *apud* GASTAL, 2002, p. 125). Por patrimônio cultural imaterial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2006) entende que

é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Para Goeldner, Ritchie e Mcintosh (2002, p. 207) a cultura não-material “refere-se a todos os valores, atitudes, crenças, normas e outros aspectos da cultura presentes nas mentes e nos corações de um grupo específico de pessoas”.

Tais elementos que constituem a cultura de um povo não devem ser impedidos de ser manifestados pela população, inclusive esta deve ter esse direito garantido, haja vista que segundo a Declaração Universal da Diversidade Cultural a manifestação da cultura está prevista nos direitos humanos, de modo que

os indivíduos e grupos devem ter garantidas as condições de criar e difundir suas expressões culturais; (...) a possibilidade de participar da vida cultural de sua preferência e exercer e fruir suas próprias práticas culturais, desde que respeitados os limites dos direitos humanos (Ministério da Cultura, 2005).

Os direitos humanos, e dentro deles os direitos culturais, são parte essencial para que se tenha um planejamento turístico de qualidade onde a cultura seja incluída e valorizada. Conforme afirma o Ministério da Cultura (2005) “os direitos culturais fazem parte dos direitos humanos e a dimensão cultural é indispensável e estratégica para qualquer projeto de

desenvolvimento”. Além da valorização da dimensão cultural, no que se refere a projetos turísticos, a população deve estar de acordo com o planejamento que se pretende realizar. Para que isto ocorra, e o planejamento seja bem sucedido, a inclusão da cultura torna-se indispensável. Cabe afirmar em acordo com Marques e Bissioli (2002, p. 37) que “o sucesso de um projeto turístico está na aceitação, no conhecimento e no apoio da população local”.

Deve-se também lembrar que a cultura manifestada por um povo, principalmente quando se trata de um município turístico, constitui-se em um importante atrativo, já que muitos turistas procuram por elementos culturais em suas viagens. Nesse sentido, Gastal (2002, p. 127) ressalta que “a cultura passará a ser veículo de socialização entre visitantes e visitados, quando ela for um processo vivo de um fazer de uma determinada comunidade”. A prática cultural pode tornar-se uma forma interessante de lazer, na medida em que garante que a população use sua criatividade e liberdade de expressão, proporcionando, desse modo, a integração social (ANTUNES, 2006).

Assim, cultura também pode ser entendida “enquanto conhecimento acumulado por um determinado grupo, que gera frutos”. (BOSI, 1992 *apud* GASTAL, 2002, p. 117). Já Teixeira Coelho, citado pela mesma autora, descreve cultura como “os modos pelos quais alguém ou uma comunidade responde às suas próprias necessidades ou desejos simbólicos” (TEIXEIRA, 1997 *apud* Gastal 2002, p. 120). De acordo com a definição de Bosi sobre cultura, pode-se considerar que todas as expressões culturais imateriais estudadas nessa pesquisa são relevantes para compreender a dimensão cultural do município, pois são parte de um conhecimento acumulado durante gerações que geram frutos até os dias atuais. Considerando também a definição de Teixeira para cultura, devem ser ressaltadas as necessidades e desejos simbólicos da população em manter vivas suas tradições e manifestações culturais.

Se considerarmos a cultura sob a perspectiva de Santos (2003) pode-se dizer que a cultura presenciada pelos visitantes através das manifestações culturais é capaz de romper com preconceitos e paradigmas que a população “móvel” possa ter em relação à população “fixa”, constituindo-se em um elemento fundamental para o turismo enquanto parte de um processo de interação entre as culturas, pois segundo Gastal (2002, p. 125): “Será através da ação e dos bens culturais que a materializam, que visitantes e visitados construirão suas trocas”. A autora afirma ainda que “cultura é socialização, mas apenas enquanto lidar com a

dinamicidade do simbólico” (Ibid., p. 127), haja vista que os bens culturais possuem a condição de bens simbólicos. Também para Wainberg (2001), o turismo é, sobretudo, uma experiência com sabor cultural. Em complementação a essa idéia Santos (2006, p. 261) relata que “a preservação de bens simbólicos, passados de uma geração a outra, torna possível a compreensão pelo ‘outro’ daquele que, à primeira vista, lhe é estranho e, a maioria das vezes, tido como inferior”.

No entanto, deve-se colocar em dúvida qualquer afirmação de entendimento “pleno” de um por outro, de visitante ou turista por anfitriões e vice-versa, pois “cultura” é sempre uma representação parcial e problemática, entrecruzada por relações de poder, e sempre uma interpretação feita a partir de noções culturais herdadas (BHABBA, 1998, MARCUS; FISCHER, 1986).

Cultura e planejamento turístico

Para que a população residente tenha assegurado o direito de manifestar-se culturalmente e para que tais manifestações sejam disseminadas entre os visitantes é crucial que se realize um planejamento de toda a atividade turística com especial atenção à cultura. Este planejamento deve permitir que a população seja incluída no processo para que este favoreça a todos os setores envolvidos. A esse respeito Beni (2001, p. 83) afirma que:

A participação social é fator fundamental de reordenamento das relações de poder e de uma nova articulação entre os diferentes atores sociais para possibilitar maior sucesso aos serviços de forma geral, maior integração nos processos coletivos e aumentar a auto-estima e a constituição de cada um como sujeito de sua história.

Vale ressaltar que é comum que em qualquer processo de tomada de decisão existam divergências de interesses e idéias que podem acarretar em insucesso do processo ou na ausência de união de setores que poderiam colaborar entre si. Nesse sentido, é importante que o poder público esteja à frente do planejamento contribuindo para que os diferentes grupos da população sejam favorecidos, conforme descreve Tyler (2003a, p. 310):

Qualquer decisão (...) será, com certeza, influenciada por vários grupos de interesse. A mobilização de influências é inevitável, e se bem administrada

poderá formar áreas de interesses comuns e moldar parcerias ou acordos colaborativos. Se mal administrada, pode levar à desarmonia entre os grupos da cidade.

É importante lembrar que o planejamento turístico passa por constantes mudanças, ele não é estático, “as abordagens de planejamento evoluem em relação às exigências feitas por vários grupos de interesse, aos valores em processo de mudança da comunidade e da sociedade” (MITCHELL, 1989, *apud* HALL, 2001, p. 65). Portanto, com relação a Cachoeira, trata-se essencialmente de grupos artístico-culturais que fazem parte de uma cultura e política que também sofre mudanças ao longo dos anos. Nesse caso, o planejamento deve acompanhar essas mudanças para que não se torne inadequado à realidade turística, política e cultural da localidade onde for desenvolvido.

Quando se fala em turismo cultural e em participação da população no planejamento dele, deve-se atentar para que durante este processo não se tente produzir uma cultura para o turista, pois a cultura é viva, praticada pela comunidade no dia a dia (GASTAL, 2002). Assim, Bahl (2004, p. 47) ressalta que “o turismo cultural depende da criação de uma estrutura de animação que conjugue e insira os atrativos de base histórica e cultural, tanto para os visitantes quanto para a comunidade”.

A esse respeito, Cooper *et al.* (2001 *apud* ANTUNES, 2006, p. 213) faz uma importante colocação:

o turismo pode contribuir para a preservação e o desenvolvimento das habilidades artesanais e do intercâmbio cultural entre as populações diferentes, o que acaba consolidando a ‘herança cultural de uma destinação’. Mas, por outro lado, o turismo pode implicar na distorção dos costumes e tradições locais, problema associado à exclusão de populações residentes nas estruturas turísticas.

O poder público em Cachoeira deve, portanto, ser visto pelos grupos artístico-culturais como parceiro e estes, por sua vez, devem ser reconhecidos e valorizados por parte do poder público municipal, a fim de firmarem parcerias e desenvolverem planos e metas satisfatórios para ambas as partes, visando o desenvolvimento adequado do turismo cultural. Deve-se levar em consideração, nesse caso, reuniões e debates onde participem membros das diversas partes

de interesse. Destarte, deve-se trabalhar para a conjunção de fatores que levem ao que Hall (2001, p. 66) descreve:

em vez de ser considerada uma fraqueza, a esfera pública de debate deve ser vista como um ponto positivo, pois é somente mediante o debate aberto, da comunicação e da troca de idéias que se pode realmente conquistar o interesse público que o planejamento turístico busca representar.

Acerca da relação entre poder público e elementos culturais – nesse caso os grupos artístico-culturais de Cachoeira – em incluí-los no planejamento, Bahl (2004, p. 33) diz que

Estabelecer ações de planejamento, ordenação e coordenação do turismo e da cultura significa envolver a comunidade receptora nas decisões, para que, posteriormente, se possa proceder a uma adequada promoção da localidade e criar condições de proporcionar o desenvolvimento harmônico e equilibrado da atividade turística.

As comunidades receptoras poderiam beneficiar-se do turismo se o seu planejamento resultasse em ações concretas que valorizassem as representações culturais dos anfitriões (ANTUNES, 2006). Conforme o que afirma Antunes, pode-se dizer que o planejamento turístico deve valorizar e estimular características internas da população local, para que os elementos externos não se sobreponham às características dos autóctones, em especial às características culturais. É importante atentar-se para que a população local não se sinta desvalorizada. Desse modo, espera-se que o planejamento adequado da atividade turística contribua, entre outras coisas, para a elevação da auto-estima da população residente.

O conhecimento que as populações residentes têm para contribuir com o processo de planejamento, na maioria das vezes, é um conhecimento sem base científica, porém este se faz importante e de grande valia na cooperação para se alcançar o sucesso do planejamento. Acerca dessa reflexão, Santos (2006, p. 268) esclarece que

é imprescindível utilizar o conhecimento empírico das populações residentes. Estas devem ser ouvidas, suas orientações e constatações reais devem ser levadas em conta, assim como suas origens, nas quais se encontram explicações para seu modo de vida e sua visão de mundo.

Hall (2001, p. 70) complementa dizendo que “valores e interesses diferentes de indivíduos envolvidos no processo de planejamento darão origem a diferentes interpretações do problema de planejamento e, portanto, de soluções”. Deste modo, a participação local pode enriquecer o planejamento turístico para sua melhor efetividade.

Como bem exposto por Hall, o processo de planejamento de qualquer atividade turística envolve pessoas e interesses distintos, fator que enriquece tal processo. Para isso é necessário que se tenham debates para que sejam ouvidas as diferentes idéias e sugestões, até que se chegue a um formato que beneficie todos os envolvidos. Ainda sobre os conflitos de interesses Hall (Ibid., p. 193) ressalta que “o planejamento turístico público (...) atua como um árbitro entre interesses conflitantes”.

Antunes (2006) sugere que a atividade turística se desenvolva sob a perspectiva dos benefícios gerados pela preservação, entre outros fatores, do patrimônio cultural. Por tratar-se de uma atividade complexa, a autora aconselha que essa tarefa seja desenvolvida pelas três esferas de interesse: poder público, comunidade e iniciativa privada.

O poder público municipal tem a governabilidade para tomar algumas decisões que auxiliem no desenvolvimento do turismo, e no caso específico deste trabalho, em um desenvolvimento de projetos relacionados aos grupos artístico-culturais.

Pode-se perceber que o turismo cultural contribui fortemente para a troca de experiências entre diferentes culturas, além de auxiliar no processo de manutenção de elementos culturais de uma determinada população. Para que o turismo cultural ocorra de maneira que favoreça todas as partes envolvidas, é necessário que o poder público possibilite que a população participe do processo de planejamento. Uma vez que o planejamento turístico de elementos culturais seja feito considerando esse aspecto, os resultados terão chances maiores de beneficiar os turistas, a população local, o poder público municipal e os empresários do setor privado.

O que pensam os turistas?

Como dissemos acima, neste artigo apresentamos somente os resultados parciais da pesquisa, deixando para outra oportunidade a apresentação dos dados relativos às entrevistas com os grupos artístico-culturais de Cachoeira. Nesta seção apresentaremos os resultados de

entrevistas com turistas na localidade, com enfoque nas condições do município como localidade receptiva e de atratividade cultural.

Durante essa pesquisa aplicou-se uma amostragem de 20 questionários aplicados a turistas, sendo seis a turistas nacionais e 14 a turistas internacionais.

Das pessoas entrevistadas 60% são turistas da Europa, 10% da América do Norte, 15% do Estado da Bahia, e 15% do Estado de São Paulo. Destes, 60% compreendem a faixa etária entre 40 e 60 anos, 35% entre 20 e 30 anos, e 5% acima de 60 anos.

Os dados acima nos mostram que o perfil da maioria dos turistas que Cachoeira recebe é europeu e acima de 40 anos. Podemos considerar que esse turista possui uma vida mais estável economicamente. Além disso, é um público à procura de turismo histórico-cultural, fato que podemos observar nas respostas às perguntas relacionadas ao que mais agradou o turista em Cachoeira, e à pergunta sobre a intenção deste em assistir a apresentações de grupos artístico-culturais locais. Os turistas responderam, por exemplo, que infelizmente não conseguiram obter na cidade nenhuma informação acerca dos grupos artístico-culturais. Disseram também que faltam incentivos para os artistas locais e principalmente para o samba de roda.

Em relação aos grupos artístico-culturais, 55% dos turistas gostariam de assistir a apresentações locais, tais como samba de roda e capoeira; no entanto apenas 20% dos entrevistados assistiram a alguma apresentação artístico-cultural. É importante salientar que o fato de que 20% dos entrevistados tenham assistido a alguma apresentação artístico-cultural deu-se em função da Festa de Iemanjá que ocorreu no dia 05 de fevereiro de 2007 - época da aplicação dos questionários - quando houve tais apresentações (samba de roda, e demais manifestações referentes à temática da festa). A parcela de turistas que assistiu a essas apresentações considerou-as “autênticas”, “*not touristy*” (não turistificado) ou “nota 10”.

Os turistas que gostariam de assistir a essas apresentações, mas não assistiram, relataram em sua maioria que não encontraram nenhum local onde houvesse um grupo apresentando-se e que não possuíam nenhuma informação a esse respeito. Fato este que está relacionado com a situação dos grupos artístico-culturais em Cachoeira atualmente: tema abordado e apresentado nesta pesquisa - a de não possuírem local próprio para apresentações, e muitas vezes nem para ensaio, exceto os que têm sede própria. Além disso, o apoio da

prefeitura ainda é incipiente. Por fim, acrescenta-se a essa situação a escassa informação concedida aos turistas.

Quanto ao tempo de permanência do turista ou visitante na cidade e como ele chegou à Cachoeira temos os seguintes dados: 80% permanecem em Cachoeira por apenas um dia, sendo assim estes são considerados visitantes ou excursionistas segundo a definição de visitante da Organização Mundial de Turismo (OMT, 2001, p.41): “não pernoita num alojamento coletivo ou privado do país visitado”. Segundo o Assessor de Cultura e Turismo do município Cleydson do Rosário, “o turista aqui vem pela manhã e retorna pela tarde”. Em geral, os turistas vêm de Salvador através de agências para visitar Cachoeira durante o dia.

Ainda segundo o assessor Rosário, é plano da Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira transformar em turista o atual visitante da cidade, ou seja, criar meios para que este possa pernoitar na cidade, estendendo seu tempo de permanência na mesma.

Foi questionado também, junto aos turistas, sobre o que eles consideravam que poderia ou deveria melhorar na cidade. Tratou-se de uma questão aberta, obtendo entre as respostas: o incentivo aos artistas locais e patrocínio para o samba de roda, pois alguns consideraram a cidade sem animação.

Numa primeira entrevista com o assessor Rosário no ano de 2006, este afirmou que era intenção da Secretaria de Cultura e Turismo de Cachoeira criar uma agenda cultural, com todos os eventos da cidade e possivelmente da região (inclusive com a participação dos grupos artístico-culturais), entretanto, em trabalho de campo realizado nos meses de janeiro e fevereiro de 2007, constatou-se que a referida agenda cultural não tinha sido elaborada até essa data.

Outra constatação é a que diz respeito à vida noturna de Cachoeira, sobre a qual 60% dos entrevistados não souberam responder. Consideramos que este dado está relacionado com a parcela dos turistas que não pernoitam na cidade. Entre o restante dos entrevistados, 35% consideram a atividade noturna da cidade como insuficiente, como relata um dos turistas: “poderia ter alguém tocando na rua... capoeira”. Essa constatação é reforçada na fala do assessor de cultura e turismo quando indagado sobre quais eram as opções de lazer noturno na cidade: “não há, infelizmente não há”, e enfatiza o que poderia ser feito com relação a essa deficiência: “o interessante (...) é você aproveitar a cultura local, o que seria interessante era você ter um espaço (...) que é a futura agenda cultural, é você ter um espaço ou ao ar livre ou

não, onde todos os finais de semana, ou um final de semana sim outro não (...) você tenha apresentações de grupos folclóricos locais”.

Conclusão

Por meio das informações acima relatadas pode-se concluir que Cachoeira tem um grande potencial para a prática do turismo cultural. No entanto, atualmente este é pouco estruturado fazendo com que os turistas, em sua maioria, permaneçam apenas um dia no município, conforme aponta a aplicação de questionários e também a entrevista com o Assessor de Cultura e Turismo do município.

O pouco incentivo que os grupos artístico-culturais recebem do poder público municipal é notado inclusive pelos turistas que chegam à cidade à procura de manifestações culturais como a capoeira e o samba de roda e não as encontram. Também ficou claro que os grupos gostariam que o número de apresentações aumentasse, mas para que isso ocorra, estes teriam que ter um espaço, que poderia ser em comum, para realizar essas apresentações para o público local e para os turistas.

A constatação de que os turistas não permanecem por mais de um dia na cidade pode estar relacionada com o fato de o lazer noturno ser escasso e o município não investir o suficiente em atrativos como as manifestações culturais, o que faz com que o turista não tenha o que o “prenda” no município por mais dias.

Durante as poucas vezes em que os grupos são contratados pela prefeitura, esta, segundo os grupos, paga cachês insuficientes para ser divididos entre um grupo de 20 integrantes, por exemplo. Além disso, os grupos não têm roupas e instrumentos suficientes, o que diminui a chance de serem contratados.

A solução do problema não pode ser somente a prefeitura aumentar os cachês; é preciso haver a doação de um espaço público para apresentações semanais ou até mesmo a doação de vestimentas e instrumentos. Se os grupos estiverem unidos entre si poderão chegar a soluções que beneficiem a todos, e conseqüentemente proporcionem a manutenção do patrimônio cultural de Cachoeira.

Além da união e do acordo entre os próprios grupos, para que as necessidades do turismo e a qualidade de vida em relação aos grupos artístico-culturais aqui estudados sejam sanadas, é necessário que o poder público municipal faça um planejamento sério da atividade

turística no município, principalmente contemplando o Turismo Cultural e dentro dele as manifestações tradicionais de Cachoeira e do Recôncavo Baiano como um todo, que são um potencial dormente, porém já internacionalmente reconhecido.

Referências

ANTUNES, Rogéria. Desenvolvimento turístico: um olhar sobre as comunidades receptoras. In: RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo (orgs.). **Planejamento turístico**. Barueri: Manole, 2006.

ASAD, Talal. **Genealogies of Religion**. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 1993.

BAHL, Miguel. **Fatores ponderáveis no turismo: sociais, culturais e políticos**. Curitiba: Protexoto, 2004.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

BENI, Mário Carlos. Análise do desempenho institucional do turismo na administração pública. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GASTAL, Susana. Turismo & cultura: por uma relação sem dilantismos. In: GASTAL, Susana (org). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8 ed. Tradução de John Wiley & Sons, Inc. São Paulo: Bookman, 2002.

HALL, C. Michael. A tomada de decisão política e o planejamento centralizado – Darling Harbour, Sydney. In: TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne; ROBERTSON, Martin (orgs.). **Gestão de turismo municipal: teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos**. 2. ed. Tradução de Gleice Regina Guerra. São Paulo: Futura, 2003.

HALL, C. Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>> Acesso em 17 de maio. 2006.

LIMA, Ari et al. **Dossiê para registro do samba de roda no Recôncavo Baiano**. 2004.

LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas: sentido da mestiçagem no Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

MARCUS, George E.; FISCHER, Michael J. **Anthropology as Cultural Critique**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

MARQUES, Maria Ângela; BISSOLI, Ambrizzi. **Planejamento turístico municipal com suporte em sistemas de informação**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2002.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Identidade e diversidade**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/politicas/identidade_e_diversidade/index.php> Acesso em: 09 de novembro. 2006.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil in FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, Francisco Paulo de Melo. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural in FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Editora Roca, 2001.

PINTO, L. A. Costa. **Recôncavo: laboratório de uma experiência humana**. Rio de Janeiro: Irmãos Di Georgio & Cia Ltda, 1958.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos; SILVEIRA, Janete Jane Cardozo da. Em busca da identidade perdida: subsídios para uma política integrada de comunicação em turismo cultural nos municípios de Piçarras e Penha (SC). In: RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina Toledo (orgs.). **Planejamento turístico**. Barueri: Manole, 2006.

TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne. Conclusão: turismo urbano – a política e o processo de mudança. In: TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne; ROBERTSON, Martin (orgs.). **Gestão de turismo municipal: teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos**. 2. ed. Tradução de Gleice Regina Guerra. São Paulo: Futura, 2003a.

TYLER, Duncan. Política, processo e prática no turismo urbano. In: TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne; ROBERTSON, Martin (orgs.). **Gestão de turismo municipal: teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos**. 2. ed. Tradução de Gleice Regina Guerra. São Paulo: Futura, 2003b.

WAINBERG, Jacques. Cidades como sites de excitação turística. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.